



ESTUDO DE CASO EM PRAÇAS DO CONTEXTO VICINAL DA CIDADE DE CRUZ ALTA A FIM DE COMPOR UM PANORAMA ESPACIAL COMPARATIVO ENTRE ELAS

CAMARGO, Mariela¹; SOARES, Igor Norbert²; CAMARGO³, Maria Aparecida Santana.

Resumo

A presente pesquisa teve por objetivo investigar dentro da malha urbana da cidade de Cruz Alta as praças do contexto vicinal, inter-relacionando praça, usuário e entorno urbano através de aspectos físicos, ambientais e comportamentais. Os levantamentos foram realizados em dois períodos diferentes do ano, verão e inverno, complementando um trabalho já realizado a respeito das praças centrais da referida cidade, a fim de construir um panorama geral da utilização e estado desses espaços públicos. Esse estudo deve servir como embasamento para reflexões sobre o planejamento urbano, demonstrando quais as proporções de relação entre as praças e a qualificação ambiental e urbanística da cidade. O estudo analisou detalhadamente três praças vicinais da cidade, nos turnos da manhã e da tarde, em dias ensolarados ou parcialmente nublados. Essas análises trouxeram, assim, um entendimento amplo de questões técnico-ambientais e funcionais, com o intuito de avaliar a qualidade física e ambiental do espaço, a intensidade de uso pela população e a satisfação que a mesma proporciona. As praças constituem um espaço aberto cercado de ruas por todos os lados, arquitetado intencionalmente para o convívio social e atividades de lazer. Além disso, as praças têm relevante função na melhoria das condições ambientais do ecossistema urbano, regulando a temperatura dos grandes centros, trazendo melhorias para a qualidade do ar, favorecendo as condições de ventilação e aeração dos bairros, de insolação dos edifícios e contribuindo para o bem-estar da população local.

Palavras-Chave: Estrutura Urbana. Planejamento. Sociedade.

¹ Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNICRUZ e bolsista do projeto PIBIC. mariela.arq@gmail.com

² Prof. Me. do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNICRUZ e coordenador do projeto PIBIC. ins_ca@hotmail.com

³ Professora Dra. da UNICRUZ e colaboradora do projeto PIBIC: cidascamargo@gmail.com



Introdução

A definição de “praça” pode ser feita como sendo um espaço de domínio público e coletivo, livre de edificações, que funcione como meio de recreação e convivência social para seus usuários, exercendo importante função na vida pública da população.

No mundo contemporâneo, em meio ao asfalto e ao concreto, num estilo de vida cada vez mais urbano, o espaço público perde força e a vida social se restringe aos *shoppings*, cafés, bares. A praça vem como meio de escape físico e social, um espaço livre onde há o intuito de resgatar o verdadeiro sentido de urbanidade. Convém confirmar isso com Boada:

A não introdução da natureza no espaço valorizado vem, porém, erigindo-se em uma linha do planejamento mais moderno. Assim, por exemplo, em um dos centros urbanos onde mais marcante está sendo o exercício do planejamento, a cidade de Barcelona, é regra a exclusão da natureza na maioria das praças e passeios. (...) Os protestos populares que têm provocado fazem pensar que, contrariamente do que parecem acreditar seus construtores, tais obras estão produzindo uma redução do espaço do ser humano. (BOADA, 1991, p. 16):

Além do papel social que desempenham, esses espaços são áreas de permeabilidade do solo e drenagem pluvial. Também são importantes para ventilação e aeração do meio urbanizado, funcionando ainda como reguladores dos picos de temperatura e amenizadores dos ruídos da cidade.

O trabalho em questão tem o objetivo de trazer essa discussão de interesse público para a realidade da cidade de Cruz Alta, considerando que o plano diretor e as políticas públicas não possuem diretrizes específicas que orientem o tratamento desses espaços. A partir daí, pretende-se buscar reflexões acerca do planejamento urbano, das funções que as praças desempenham dentro da malha urbana e da qualificação ambiental que geram.



Revisão de Literatura

As cidades, originalmente, caracterizam-se por servir de locais de troca de artigos agrícolas, artesanatos e também do poder público. Sendo assim, as cidades tornaram-se centros urbanos e espaços privilegiados para diferentes grupos sociais, como também por inúmeras instituições públicas e políticas que se formavam à medida que elas cresciam demográfica e estruturalmente.

A formação das cidades de modo geral, é constituída de espaços construídos e espaços não construídos que são espaços livres, espaços abertos, espaços públicos, espaços verdes. De forma geral os espaços públicos de uma cidade se dividem em duas categorias: ruas por onde circulam pedestres e veículos e, praças e parques, locais de convívio e permanência.

Historicamente, praça é um espaço planejado e marcado para a vida pública das cidades. As praças na Idade Média e no Renascimento eram instaladas nos centros das áreas de maior densidade populacional e quase sempre com uma presença religiosa, por exemplo, a igreja. Uma praça, na definição mais básica, é um lugar público acessível a todos os transeuntes, em cujo entorno visualizam-se moradas, casas comerciais e, atualmente, grandes edifícios. Pode estar situada nos centros de uma grande metrópole ou de um bairro periférico.

O termo praça tem origem do termo em latim "*platea*", significando "rua larga". A praça nada mais é do que um espaço aberto para o público, cercado de ruas por todos os lados, concebido com espaço intencional de encontros sociais e atividades de lazer. O canteiro central de avenida com equipamentos de lazer não é praça, porque ele tem primazia perante os objetivos de trânsito. O terreiro também não é praça por se configurar como um espaço reduzido, muitas vezes residual e não ter uma intencionalidade de desenho no traçado urbano como praça.

Segundo Lamas (1990, p.102) os elementos que definem os limites das praças e as caracterizam, é a estreita relação do vazio com os edifícios. As praças concebidas nas cidades medievais e renascentistas eram delimitadas por edifícios públicos, por igrejas ou edifícios religiosos, por filas de habitações e palácios, abrigando monumentos e servindo de cenário para a vida social e manifestações político – religiosas. Já na urbanística moderna, o autor coloca a dificuldade de delimitação da definição de praça devido à menor incidência de edifícios e fachadas



na sua demarcação. Atualmente, o desenho de praça não é acompanhado pela qualificação e significação funcional, já que muitas vezes estes espaços se restringem a um logradouro (LAMAS apud OLIVEIRA, 2006, p. 22).

Segundo Macedo (2003), a praça, juntamente com a rua, consiste em um dos mais importantes espaços públicos urbanos da história da cidade no país, tendo, desde os primeiros tempos de colônia, desempenhado um papel fundamental no contexto das relações sociais em desenvolvimento. De simples terreiro, a sofisticado jardim, de campos de jogos incultos a centro esportivo complexo, a praça é por excelência um centro, um ponto de convergência da população, que a ela ocorre para o ócio, para comerciar, para trocar ideias, para encontros românticos ou políticos, enfim, para desempenho da vida urbana ao ar livre.

Outra definição, referente ao conceito de praças, de acordo com Robba e Macedo (2003, *op.cit.*) afirma que “praças são espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livre de veículos”.

Praças são áreas pertencentes ao espaço público urbano, livre de edificações e acessíveis à população, sejam grandes ou pequenas, onde se desenvolvem atividades relacionadas com o lazer ativo ou passivo de seus usuários.

Entende-se por lazer ativo as atividades desenvolvidas na praça que exigem movimento maior, como circular, correr, caminhar, praticar uma atividade esportiva, brincar, etc. A cada atividade, existe um ambiente onde ela se desenvolve, por exemplo: circular, correr e caminhar podem acontecer nos caminhos ou espaços destinados a circulação; praticar atividade esportiva está relacionada com a cancha de esporte ou ambiente reservado para equipamentos de ginástica; brincar relaciona – se geralmente com áreas de *playground*.

Em relação ao lazer passivo podem ser citadas as seguintes atividades: conversar, descansar, apreciar o movimento ou paisagem, refletir, lanchar, esperar (“dar um tempo”), namorar, praticar atividades manuais, ler, etc. Essas atividades geralmente se realizam nos ambientes de estar das praças, onde as pessoas podem se acomodar em bancos.



Cunha Araújo (2002) classifica lazer ativo e passivo conforme o grau de sedentarismo envolvido na prática da descontração, considerando a contemplação de paisagens, meditação, consumo como lazer passivo e atividade que envolve algum esforço físico maior como lazer ativo.

Pode se concluir que o lazer ativo está para os ambientes de movimento das praças (circulação), como o lazer passivo está para os ambientes de permanência da praça (reunião). Para cada atividade realizada na praça e seu ambiente correspondente existem um ou mais elementos urbanos que configuram e definem os espaços.

São vários os serviços a que uma praça se presta, e facilmente se estabelece uma diferenciação funcional entre as mais frequentes, seja no centro urbano ou no centro de um bairro, e assim classificá-la. Em cidades pequenas, sempre há pelo menos uma praça em evidência, onde acontecem todos os eventos sociais, cívicos e religiosos, e a praça acaba tendo um aspecto variado. Pode – se classificar uma praça através de uma atividade ou prestabilidade que prevalece sobre as demais, como segue: Praça de circulação: solicitada pela exigência de tráfego; Praça de uso público: lugar de interesse geral ou de negócios; Praça monumental: vinculada a um motivo arquitetônico ou artístico; Praça decorativa ou ornamental: elementos de estética urbana; Praça recreativa ou repouso: com finalidade de descanso, higiênicas e sanitárias; Praça panorâmica: proporciona atrações paisagísticas.

A praça enquanto espaço público tornou-se essencial e presente em qualquer cidade europeia desde a Alta Idade Média, pois nela eram inicialmente concretizadas as relações sociais entre indivíduos de diferentes grupos e regiões. Caracteriza-se assim a origem de uma sociabilidade marcante urbana.

O espaço urbano enquanto praça é compreendido não só enquanto forma residual dos espaços representados pelas quadras edificadas, mas, sobretudo como local revestido de particularidades, marcado pela circulação de veículos e de pedestres, pelos encontros, pelas manifestações coletivas e celebrações entre outras possibilidades de uso.

Oliveira (2006, p. 22) nos diz que a praça tem uma intencionalidade no seu traçado e na sua organização espacial. As praças circulares são espaços com tanta



força em si mesma que acabam determinando a arquitetura que a circunda (ROMERO, 2001, p. 33). No caso das rotatórias, elas existem para resolver um problema de circulação viária, o que em alguns casos, dependendo da dimensão, localização ou questões particulares, ela pode se tornar, posteriormente, um elemento de significação urbana importante, resultando de um acontecimento casual e não intencional.

A praça é uma figura indispensável e presente em nosso cotidiano urbano; apesar disso, por vezes não nos damos conta de sua importância.

As ruas, praças e parques são os lugares onde se desenvolve a nossa vida pública, onde encontramos amigos e pessoas, onde convivemos e nos exibimos, onde passeamos e namoramos, ou onde não fazemos nada, apreciando os prazeres de estar ao ar livre, ao sol. As praças são uma das mais importantes áreas de lazer urbano, onde crianças e adolescentes vão brincar e jogar, onde praticamos esportes e exercícios físicos, ou apenas nos permitimos deitar sobre a grama e observar a vida passar.

Além de todas essas atribuições funcionais e de convivência, as praças são espaços que melhoram as condições ambientais do ecossistema urbano, favorecendo as condições de ventilação e aeração dos bairros, de insolação dos edifícios e de drenagem superficial.

Todos esses valores das praças são às vezes esquecidos ou deixados em segundo plano, pois, na cidade atual, existem muitas outras opções de lazer e convivência que concorrem diretamente com elas. Talvez por isso não nos demos conta da importância daqueles pequenos espaços que realçam e referenciam a paisagem urbanizada.

Metodologia e/ou Material e Métodos

A pesquisa de cunho exploratório e qualitativo desempenhou-se através da observação de três praças do contexto vicinal da cidade de Cruz Alta. Um estudo primário foi feito em diversas praças, onde foram elaboradas fichas cadastrais contendo dados como nome, infraestrutura, localização, mobiliário urbano, entorno, dimensão, monumentalidade e estado geral de conservação de cada uma delas.



Feito isso, as três praças mais bem colocadas nos quesitos citados foram escolhidas para o estudo de caso, sendo elas: Praça Marechal Rondon, Praça Egel Agobar Pereira, Praça Manoel Alves.

A partir daí, foi realizado um levantamento de arquivo onde se buscou mapas e plantas de localização destas praças. Em seguida, os dados coletados foram aferidos e complementados através de visitas *in loco* e catalogados em fichas cadastrais. Cada uma das fichas continha a descrição geral da praça, a qualificação de sua infraestrutura, bem como registros fotográficos e croquis esquemáticos contendo suas dimensões.

O levantamento de campo consistiu em medições ambientais de temperatura, registro de aspectos físicos e análises comportamentais. As medições de temperatura se deram nos pontos onde o fluxo de pedestres era maior, dado pela análise comportamental, no verão e no inverno, em dois períodos do dia (manhã e tarde), seguindo a Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT. Fisicamente, analisaram-se elementos de pavimentação e dimensão das calçadas, existência ou não de edificações no interior das praças, pontos de ônibus e táxis, lixeiras, luminárias, bancos, árvores, postes, *playgrounds*, telefones públicos, drenagem, entre outros. O estudo de comportamento foi feito a fim de obter um panorama de uso das praças, bem como a intensidade de fluxos, os horários de picos, as atividades realizadas e as faixas etárias dos usuários.

Resultados e Discussões

As três praças vicinais estudadas possuem características bem diferentes entre si, bem como estado de conservação, alguns problemas de manutenção, falta de mobiliário urbano, etc.

Dentre as três praças, a Praça Marechal Rondon possui a maior área e um território completamente coberto por vegetação, sem pisos pavimentados. Essa intensa arborização define a função principal da praça, o lazer, pois é um ambiente bonito e agradável. Embora exista carência de bancos, lixeiras e iluminação, a conservação da praça é boa, mas ainda poderiam ser explorados vários fatores para aumentar sua capacidade e funcionalidade em benefício de seus usuários.



Em se tratando de estrutura física, a Praça Egel Agobar Pereira apresenta a pior situação. Possui muitos passeios e bancos danificados, ora por influência das raízes das árvores, ora pela própria fragilidade dos materiais escolhidos. A areia do *playground* é escassa e o cercado que o envolve contém vários buracos. É uma praça de intenso fluxo de pessoas e que precisa de um grande planejamento e requalificação.

Nessas duas praças, o maior problema é a falta de mobiliário urbano adequado.

A Praça Manoel Alves é mais nova em relação às outras e possui um mobiliário em boas condições. Os passeios, os bancos, a quadra, a iluminação, a arborização e, até mesmo a setorização, demonstram um planejamento na concepção da praça desde o início. Isso a torna uma das mais importantes áreas de lazer públicas da periferia da cidade. Ainda há alguns problemas como falta de lixeiras e de iluminação em alguns pontos. Seu uso é agradável tanto no inverno como no verão, pois possui áreas distintas que favorecem ambas as estações. O principal uso da praça foi caracterizado por uma população física que procura este ambiente para desenvolver atividades físicas, de lazer e descanso.

Em se tratando de análise ambiental, as praças apresentaram resultados parecidos nas medições térmicas realizadas. Essas medições tinham por objetivo medir a sensação térmica nos pontos onde há o maior fluxo de pessoas. As medições feitas em piso pavimentado com incidência direta dos raios solares caracterizaram as maiores temperaturas no verão. Já no inverno, observou-se na maioria das vezes que o piso gramado apresentava temperaturas mais elevadas. Tal fator vem comprovar que a cobertura vegetal proporciona maior conforto térmico aos usuários das praças em ambas as estações do ano, pois proporciona uma amenização nos picos de temperatura. Porém, as diferenças mais significativas de temperatura não se deram quanto ao tipo de pavimentação e sim na exposição direta ou não aos raios solares, sendo mais altas quando expostas diretamente ao sol e mais baixas em condição de sombra.

A Praça Marechal Rondon possui uma ampla área sombreada devido à grande quantidade de árvores existentes dentro do seu perímetro. Isso a torna mais confortável termicamente durante a estação de verão.



No inverno, a Praça Egel Agobar Pereira é a mais agradável. Isso decorre de sua pouca vegetação, que permite a incidência mais direta dos raios solares. O piso pavimentado, quase que em sua totalidade, absorve o calor proveniente do sol e aumenta sua temperatura própria.

A Praça Manoel Alves possui duas áreas bastante arborizadas, sendo uma coberta de areia e outra com vários canteiros gramados. Essas áreas proporcionam um ambiente mais adequado no verão. Já no inverno, para quem procura o calor do sol para se aquecer, pode desfrutar da área onde ficam a maior parte dos bancos e as mesas, que é pouco arborizada e a pavimentação é em concreto.

No tocante ao uso populacional, as praças possuem importante papel no contexto onde estão inseridas e diferem uma da outra nas maneiras como as pessoas fazem uso desses espaços.

A Praça Marechal Rondon possui uma população fixa em maior número. É o ponto de encontro dos moradores do bairro, lugar onde os adultos e idosos descansam e socializam e onde as crianças brincam. Seu uso é bem definido para o lazer. Uma pequena população flutuante utiliza a praça para encurtar o caminho, esperar o ônibus ou, esporadicamente, obter momentos de recreio.

Os resultados mais diferenciados, no que tange ao comportamento das pessoas, foram obtidos na Praça Egel Agobar Pereira, que possui um equilíbrio entre a população fixa e a flutuante. O local em que está inserida é o responsável por isso, já que é uma das áreas mais movimentadas do Bairro Boa Parada e acesso principal de vários outros bairros ao centro. Todos os dias um grande número de pessoas utiliza a praça como passeio público, para esperar o ônibus ou para descansar no intervalo do trabalho. Mas a praça também exerce uma importante função como área de lazer, visto que é um dos poucos espaços destinados a esse fim em uma grande zona que abrange diversos bairros.

A Praça Manoel Alves também possui maior população fixa. As atividades que puderam ser observadas na praça foram: transitar, descansar, brincar, praticar esportes e socializar. Este espaço atrai pessoas de todas as faixas etárias, por oferecem várias opções de uso e uma estrutura qualificada. Também conta com



uma pequena parcela de pessoas que buscam a praça nos finais de semana ou no período de férias, atraídas pelo seu bom estado de conservação.

As três praças são bastante frequentadas e possuem acessos fáceis e asfaltados. A utilização desses espaços públicos para o lazer está intimamente atrelada à qualidade dos equipamentos urbanos existentes, do entorno em que estão inseridas e das opções de atividades que oferecem. Um melhor planejamento e manutenção desses espaços permitirão que mais cidadãos possam também compartilhar de momentos agradáveis, aumentando a frequência de uso e a qualidade de vida da população.

Conclusão/Considerações Finais

Indubitavelmente as praças vêm acumulando a cada ano mais responsabilidade socioambiental dentro das cidades. São áreas arborizadas, que fazem diferença em meio ao concreto, funcionando como uma forma de escape de um cotidiano cada vez mais estressante.

Através desse estudo foi possível observar que esses ambientes verdes são conhecidos principalmente pela renovação do ar que respiramos e concomitante a isso, são áreas permeáveis em meio a todo o solo coberto de concreto e asfalto. Tais áreas também funcionam como meio de escoamento das águas pluviais, evitando enchentes. Além disso, exercem papel de quebra-vento no inverno, proporcionam brisas frescas e úmidas no verão, colaboram com o equilíbrio térmico do meio e confortam os nossos sentidos.

Os ambientes em questão, além de toda a sua importância para o funcionamento da cidade enquanto estrutura, possuem um valor imensurável que influi na saúde física e mental da população. A contemporaneidade trouxe, paulatinamente, a perda de antigos costumes, principalmente na infância, onde as crianças andavam de bicicleta, brincavam na areia, rolavam na grama. Tudo isso foi sendo substituído pela tecnologia. Todavia, o contato com a natureza é inerente ao homem. Nesse sentido, as praças aproximam as pessoas com o meio e com outras pessoas, sendo locais indispensáveis, onde o corpo brinca e a mente relaxa



A pesquisa trouxe esclarecimentos sobre a importância da existência desses espaços principalmente no âmbito vicinal, onde ainda são poucos os espaços destinados ao lazer e recreação. As praças estudadas englobam não só a população residente em seus respectivos bairros, mas de muitos outros vizinhos, que carecem de áreas que propiciem momentos agradáveis.

Durante a coleta e análise dos dados foi possível perceber que para se ter o controle do crescimento e funcionalidade de uma cidade, precisa-se primeiramente entender as necessidades da população local. Só assim é possível dimensionar o ambiente mais adequado para o bem comum.

Referências

CARR, Stephen; FRANCIS, Mark; RIVLIN, Leanne; STONE, Andrew M. *Public space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

BOADA, Luis. *O Espaço Recriado*. São Paulo: Ed. Nobel, 1991.

GOITIA, Fernando Chueca. *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Ed. Presença, 1982.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1990.

MACEDO, Silvio Soares; ROBBIA, Fabio. *Praças Brasileiras = Public squares in Brazil*. São Paulo: Edusp, 2003.

MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.

OLIVEIRA, Lucimara Albieri de. *O Papel da Praça na cidade: Aspectos Ambientais, de uso e Percepção*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGENG/UPF, janeiro 2006.

ROMERO, Marcelo de Andrade; ORNSTEIN, Sheila Walbe. *Avaliação pós-ocupação: métodos e técnicas aplicados à habitação social*. Porto Alegre: ANTAC, 2001.



ROMERO, Marta Adriana Bustos. *Princípios bioclimáticos para o desenho urbano*.
São Paulo: P.W., 1988.